

Impressões sobre as dificuldades no acesso as orientações de saúde das pessoas surdas

Área Temática: Saúde

Beatriz Jorge Oliveira Gomes¹, Verônica Francisqueti Marquete², Maria Izadora da Silva Castão³, Sonia Silva Marcon⁴

¹ Aluna do curso de Enfermagem, bolsista PIBIS/FA- UEM, contato: beatrizjogomes@gmail.com

² Aluno do Mestrado em Educação, bolsista CAPES–UEM, contato: veronicafrancisqueti@hotmail.com

³ Aluna do curso de Enfermagem, bolsista PIBIS/FA-UEM, contato: izadora.castao@outlook.com

⁴ Prof^a do Depto. de Enfermagem – DEN-UEM, contato: soniasilva.marcon@gmail.com

Resumo. *A maioria dos profissionais de saúde não sabem se comunicar utilizando a Libras. Neste contexto esse trabalho tem o objetivo de relatar as impressões quanto as dificuldades no acesso as orientações de saúde das pessoas surdas. Trata-se de um relato de experiência de alunos do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá juntamente com um colégio bilíngue para surdos. Por intermédio dessa experiência foi notado que os profissionais de saúde não estão capacitados para realizar atividades de educação em saúde para as pessoas surdas, os deixando mais vulneráveis a doenças consideradas evitáveis. Assim destaca-se a importância do desenvolvimento de estratégias que possibilitem a promoção de saúde e prevenção de doença a essa população com equidade.*

Palavras-chave: surdez- enfermagem- comunicação

1. Introdução

No Brasil cerca de 5,1 % da população tem deficiência auditiva (DA), destes 1,12% tem perda auditiva profunda (IBGE, 2010). Destaca-se que a pessoa surda, dispõe de uma identidade e língua própria, enquanto aqueles com DA possuem algum grau de perda auditiva (LOPES; VIANA; SILVA, 2017).

Atinente a isso, em 2002 a lei nº 10.436, reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como língua oficial do Brasil, e determina que os estabelecimentos de saúde público devem apoiar, utilizar e disseminar a Libras como estratégia de comunicação (BRASIL, 2002). Ainda, o decreto nº 5.626 de 2005, estabelece que pelo menos 5% dos profissionais de saúde, devem estar aptos para se comunicar em Libras (BRASIL, 2005).

Destaca-se que apesar da existência de leis e decretos que garantem o direito dos surdos, as mesmas são ignoradas na maioria das instituições de serviço público (SILVA; BENITO, 2016). Vale salientar que a comunicação é fundamental na assistência à saúde (TEDESCO; JUNGES, 2013), sendo que a barreira de comunicação entre surdos e profissionais de saúde pode desencadear conhecimento reduzido dos surdos sobre

saúde, fato que afeta diretamente seu protagonismo no autocuidado, causando dependência de familiares, amigos e conhecidos ouvintes que se comunicam em Libras (OLIVEIRA et al., 2015).

Neste contexto, é necessária uma sensibilidade dos profissionais de saúde, para garantir a humanização e integralidade do cuidado em saúde às pessoas surdas (SANTOS; SHIRATORI, 2004). Verifica-se que a presença de um intermediador do diálogo entre profissional de saúde e pessoa surda, pode provocar no paciente retraimento e timidez durante os atendimentos de saúde, constituindo portanto, empecilho para a qualidade da assistência à saúde (PIRES; ALMEIDA, 2016).

Diante deste contexto o objetivo deste trabalho é relatar as impressões quanto as dificuldades no acesso as orientações de saúde das pessoas surdas.

2. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência sobre as impressões construídas ao longo do desenvolvimento do projeto de extensão intitulado “Promovendo a saúde junto às pessoas com deficiência auditiva”, vinculado ao Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá em parceria com um colégio bilíngue para surdos. As atividades nesta instituição foram realizadas no período de agosto a dezembro de 2018, junto a quatro alunos do terceiro ano do ensino médio e quatro crianças

As atividades abordaram temáticas relacionadas à promoção da saúde e prevenção de doenças de forma lúdica e com dinâmicas, por intermédio de uma roda de “conversa”, totalizando 11 encontros. O objetivo do projeto é identificar o conhecimento e despertar o interesse dos alunos do colégio bilíngue para surdos sobre saúde e doença.

3. Resultados

Observou-se que as pessoas surdas, enfrentam diversas dificuldades para obterem acesso as orientações de saúde, devido o empecilho da barreira de comunicação, pois a maioria dos profissionais de saúde não sabem se comunicar em Libras, e muitos familiares não se interessam em aprender.

A divulgação de informações de saúde, por meio de folders, propagandas televisivas, campanhas com som, na maioria das vezes é inviável para a população surda, devido a língua portuguesa ser a segunda língua dos surdos. Desta forma, muitos surdos tem dificuldade de escrita e leitura, o que proporciona a vulnerabilidade no acesso as informações de saúde.

Durante as “conversas” verificou-se a dificuldade no acesso aos serviços de saúde, responsáveis pela disseminação das informações de saúde. Alguns surdos relataram que o atendimento à saúde acaba sendo mais demorado e cansativo do que aquele oferecido às pessoas ouvintes, devido muitos estabelecimentos de saúde, chamarem as pessoas pelo nome para que sejam atendidas, contudo devido serem surdos não conseguem escutar o seu nome, o que acaba dificultando o atendimento. Deste modo, muitos surdos só procuram os serviços de saúde em último caso, mesmo quando estão doentes.

Constatou-se a existência de tecnologias que auxiliam na comunicação com surdos, como a central de libras, que é de acesso gratuito, contudo necessita da utilização de internet estável. Neste quesito, os surdos relataram que a central auxiliaria na comunicação com os profissionais de saúde que não sabem se comunicar em libras, contudo ao solicitarem acesso à internet da instituição que tem mais estabilidade, a mesma geralmente não é disponibilizada.

As pessoas surdas sempre destacam nos diálogos a importância das instituições de saúde terem intérpretes de Libras, como uma estratégia facilitadora na compreensão das orientações de saúde, entretanto relatam que nenhum serviço já procurado tinha intérprete disponível.

4. Discussão

As impressões observadas no presente estudo, corroboram com estudos de revisão integrativa, que constatou como inadequada a consulta de enfermagem ao cliente surdo, em consequência do despreparo dos enfermeiros durante a formação acadêmica, ocasionando a negligência do cuidado a saúde a esta clientela (ARAÚJO et al., 2015). A inadequação da comunicação com os profissionais de saúde, desencadeia incompreensão das orientações de saúde, o que torna as pessoas surdas mais vulneráveis a condições de risco a saúde (DICKSON; MAGOWAN; MAGOWAN, 2014).

Estudo realizado no Reino Unido, verificou que a população surda tem piores condições de saúde, ao ser comparada com a população ouvinte, devido o provável subtratamento e subdiagnóstico das condições crônicas de saúde, tornando-as expostas a desenvolverem problemas de saúde evitáveis (EMOND et al., 2015). Destaca-se a necessidade dos profissionais de saúde, compreenderem melhor os clientes surdos, e as consequências da barreira de comunicação na vida destes, e se sensibilizem quanto a importância de realizarem atividades educativas sobre saúde junto a esta população (EMOND et al., 2015)..

5. Conclusão

Observou-se que os surdos possuem diversas dificuldades no acesso as orientações de saúde, como a barreira de comunicação; obstáculo no uso da central de libras durante os atendimentos de saúde; o tempo de espera devido ao sistema empregado para chamar as pessoas ao atendimento; não presença de intérpretes de libras e dificuldade na escrita e leitura da língua portuguesa. Esses empecilhos podem tornam os surdos mais vulneráveis a desenvolver problemas de saúde considerados evitáveis. Assim destaca-se a necessidade da promoção de saúde e prevenção de doença junto a essa população, respeitando o princípio de equidade proposto pelo sistema único de saúde.

Referências

ARAÚJO, C.C.J. et al. Consulta de enfermagem às pessoas surdas: uma análise contextual. ABCS Health Sciences, v. 40, n. 1, p. 38-44, 2015.

BRASIL. **Lei 10.436/02** - Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasil, Brasília, DF, 24 abr. 2002.

DICKSON, M.; MAGOWAN, R.; MAGOWAN, R. Meeting deaf patients' communication needs. **Nurs Times**, v. 110, n. 49, p. 12-15, 2014.

EMOND, A. et al. The current health of the signing Deaf community in the UK compared with the general population: a cross-sectional study, *BMJ Open*, v. 5, n.1, e006668, 2015.

EMOND, A. et al. Access to primary care affects the health of Deaf people. *Br J Gen Pract*, v. 65, n. 631, p. 95-96, 2015.

LOPES, R.M.; VIANNA, N.G.; SILVA, E.M. Communication of deaf people with health professional in search of integrality. *Rev Saúde Pesqui*, v.10, n.2, p. 213-221, 2017.

SANTOS, E.M.; SHIRATORI, K. As necessidades de saúde no mundo do silêncio: um diálogo com os surdos. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 06, n. 01, p.68-76, 2004. Disponível em <https://doi.org/10.5216/ree.v6i1.798>

OLIVEIRA, Y.C.A. et al . Conhecimento e fonte de informações de pessoas surdas sobre saúde e doença. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]*. v. 19, n. 54, p. 549-560, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0265>

PIRES, H.F.; ALMEIDA, M.A.P.T. A percepção do surdo sobre o atendimento nos serviços de saúde. *Revista Enfermagem Contemporânea*. v. 5, n. 1, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3378rec.v5i1.912>

SILVA, M.A.M.D.; BENITO, L.A.O. Conhecimento de graduandos em enfermagem sobre língua brasileira de sinais (LIBRAS). *Universitas: Ciências da Saúde*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 23-30, 2016.

TEDESCO, J. R; JUNGES, J. R. Desafios da prática do acolhimento de surdos na atenção primária. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 29 n. 8 p. 1685-1689, 2013.
